

Sociopoética

Volume 1 | Número 17 | julho a dezembro de 2016

Universidade Estadual da Paraíba

Profº Antonio Guedes Rangel Junior

Reitor

Prof. Ethan Pereira Lucena

Vice-Reitor



Editora da Universidade
Estadual da Paraíba

Diretor

Cidoval Morais de Sousa

Diagramação

Carlos Alberto de Araujo Nacre

Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura e
Interculturalidade do Departamento de Letras

Direção Geral e Editorial

Luciano Barbosa Justino

Editor deste número

Luciano Barbosa Justino

Conselho Editorial

Alain Vuillemin, UNIVERSITÉ D'ARTOIS

Alfredo Adolfo Cordiviola, UFPE

Antonio Carlos de Melo Magalhães, UEPB

Arnaldo Saraiva, UNIVERSIDADE DE PORTO

Ermelinda Ferreira Araujo, UFPE

Goiandira F. Ortiz Camargo, UFG

Jean Fiset, UNIVERSITÉ DU QUÉBEC À MONTRÉAL (UQAM)

Max Dorsinville, MC GILL UNIVERSITY, MONTRÉAL

Maximilien Laroche, UNIVERSITÉ LAVAL, QUÉBEC

Regina Zilberman, PUC-RS

Rita Olivieri Godet, UNIVERSITÉ DE RENNES II

Roland Walter, UFPE

Sandra Nitrini, USP

Saulo Neiva, UNIVERSITÉ BLAISE PASCAL

Sudha Swarnakar, UEPB

Coordenadores do Mestrado em Literatura e Interculturalidade

Antonio Carlos de Melo Magalhães e Luciano Barbosa Justino

Revisores

Eli Brandão da Silva, Luciano B. Justino,

Sébastien Joachim, Antonio Magalhães

Sociopoética

Volume 1 | Número 17 | julho a dezembro de 2016

POÉTICAS ANIMALISTAS EM MARIA LACERDA DE MOURA E NISE DA SILVEIRA: LIBERTAÇÃO, ARTE & RESISTÊNCIA

Recebido em 15 de agosto de 2016.

Aceito em 20 de outubro de 2016.



Campina Grande - PB

POÉTICAS ANIMALISTAS EM MARIA LACERDA DE MOURA E NISE DA SILVEIRA: LIBERTAÇÃO, ARTE & RESISTÊNCIA

Animalistic Poetics in Maria de Moura Lacerda and Nise da Silveira: Liberation, Art & Resistance

Patrícia Lessa dos Santos
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

As conexões entre as poéticas libertárias, feministas e animalistas atravessam o tempo e recortam geografias na crítica endereçada à figura universalista antropocêntrica e nas experiências artísticas das relações multiespécie. No campo das artes e da tecnobiopolítica, novos desafios passam pela necessidade de visitar autoras como: Maria Lacerda e Nise da Silveira. Meu objetivo será, portanto, buscar na obra das duas autoras a positividade nas relações multiespécie e suas interfaces com os processos de libertação, criação artística e resistência política.

Palavras-chave: Animalidades, Maria Lacerda, Nise da Silveira.

ABSTRACT

The connections between the poetic libertarian, feminist and animalistic cross the time and cut out the geographies in the criticism addressed to the anthropocentric universal figure and the artistic experiences of multi-species relations. In the field of arts and new challenges tecnobiopolitical, pass by the need to revisit authors such as Maria Lacerda and Nise da Silveira. My objective will be, therefore, seek in the work of two authors, positivity in multi-species relationships and their interfaces with liberation processes, artistic creation and political resistance.

Keywords: Animalisms, Maria Lacerda, Nise da Silveira.

Introdução

Nosso tema se insere na vertente dos estudos feministas animalistas e, portanto, nosso local de fala sugere um duplo lugar: dos estudos acadêmicos e do ativismo, que preferimos nomear artivismo, dando um sentido mais amplo de ativismo com arte. As poéticas animalistas ganham visibilidade com os estudos feministas que interseccionalizam as relações entre humanidades e animalidades. Entendemos a poética no sentido proposto por Linda Hutcheon (1991), como um tipo de estrutura teórica em constante desenvolvimento, através da qual ordenamos tanto nosso conhecimento estético quanto nossos procedimentos críticos. Aderimos a ideia de poéticas animalistas para pensar os escritos das duas autoras que produzem um conhecimento que envolve o aspecto estético, ético e crítico na relação humanidade-animalidade. A positividade das relações entre diferentes espécies, nomeada relações multiespécie por Donna Haraway (2011b), foi uma preocupação que ganhou contornos diferentes nas obras de Maria Lacerda de Moura e Nise da Silveira. A primeira se destaca pela crítica libertária ao ideário de progresso tecnocientífico e ao uso da vivisseção¹ pela indústria e pela ciência, já a segunda marca sua obra com as pesquisas e intervenções clínicas centradas nas relações afetivas e sociais entre pacientes psiquiátricos e animais, por ela nomeados “animais não-humanos”. Vamos adotar o termo animal não-humano pela sua força relacional.

As atuais discussões sobre as relações multiespécies pensam os agenciamentos estéticos, intersubjetivos e econômicos das fronteiras que foram borradas pelas críticas feministas endereçadas ao binarismo e ao universalismo das noções antropocêntricas: corpo e

1 Vivi é vivo e secção cortar. Vivisseção é cortar um animal vivo. Com o tempo o termo foi abrangendo outras coisas e significa qualquer procedimento onde você pega um animal vivo, induza um determinado estímulo nele e obtém um outro em troca. NARDI, Simone. O que é vivisseção? Disponível em: <http://www.anda.jor.br/23/10/2013/o-que-e-vivissecao>. Acesso em set. 2015.

mente, razão e emoção, racional e irracional dentre outros pares não binários de conceitos. Uma das autoras que ganha destaque nas preocupações é Donna Haraway (2011a; 2011b), para ela foi dada demasiada ênfase à crítica sem esforço suficiente para ver o que mais acontece na fabricação humanidade-animalidade, e quais caminhos ainda são possíveis de serem retraçados. A noção de subjetividade para a autora comporta outros seres animados uma vez que "ator" e "sujeito" podem ser mistos, duplos, triplos ou até mais que isso, assim o uso da palavra composta "tornar-se-com" é uma forma de pensar as relações intersubjetivas tanto na ficção científica como em qualquer prática material-semiótica que envolva as interações multiespécie. Diz a autora:

[...] "tornando-se-com" são na verdade, o mundo mortal, o único que temos; e, então, cuidar do "tornando-se-com" não é opcional. Nosso problema, a meu ver, é nos engajarmos seriamente na enormidade de práticas reais através das quais animais trabalhadores (e suas pessoas) são tornados incompetentes, de modo a serem reduzidos à condição de valor. Nós – quem quer que seja que venha a reconhecer e se responsabilizar por essas práticas – devemos agir sem perpetrar ainda mais extermínios, obliterações, reduções e genocídios de multiespécies humano-animal-vegetais (HARAWAY, 2011b, p. 393-394).

A relação entre animais humanos e animais não humanos para Haraway (2011b) merece a atenção para percebermos que aspectos nos aproximamos que precisam ser revisados para desfocar da instrumentalização, objetificação e anulação da experiência de vida das espécies não humanas tornadas produto no mercado patricapitalista. Na epistemologia feminista, a relação entre a objetificação dos corpos de mulheres e animais não humanos está presente, embora com diferentes abordagens, nas discussões de Adams (2012) e de Haraway (2011a, 2011b). Os estudos de Haraway (2011a, 2011b) são fundamentais para a construção de uma proposta feminista-animalista. Estas são diferentes formas de ver/escrever/estudar/pensar as relações multiespécie, optamos pelo feminismo animalista pela

positividade/propositividade da interação entre espécies, que está para além da crítica ao consumo de corpos e “produtos” fabricados às custas da vida de milhares de animais não humanos. Nas relações humanidade e animalidade nos interessam os códigos, as linguagens, as diferentes formas de comunicação e experimentações estéticas e de vida planetária.

Outra questão bastante instigante é a das relações entre espécies nas narrativas literárias. Haraway (2011b) nos provoca a pensar as narrativas que desestabilizam a ordem da racionalidade. Um bom exemplo é o da comunicação multiespécie. A relação da comunicação entre espécies está além da lógica da racionalidade instrumental. Podemos ver essa aproximação entre mulheres e animais nas discussões dos movimentos ambientalistas, onde a representatividade das mulheres, em termos qualitativos e quantitativos, é majoritária. O patricapitalismo influenciou algumas das ideias mais fundamentais sobre a natureza humana e sobre nossa relação com o universo. Trata-se do único sistema que, até pouco tempo, jamais fora contestado de maneira aberta, e cujas doutrinas são a tal ponto universalmente aceitas que parecem leis da natureza. Ela diz:

Diante de tudo isso, a população pobre do mundo – rural e urbana – é sempre a guardiã pivô tanto da diversidade biológica das espécies animais na fazenda quanto do saber prático de cuidar dos animais fora do aparelho do tecnocapital global e nacional. Trabalhar para aumentar o bem-estar dessa população pressionada e muitas vezes devastada e a de seus animais (e plantas) está, a meu ver, no coração da política feminista interseccional (HARAWAY, 2011b, p. 396).

Uma obra que merece destaque na discussão das narrativas literárias é “A vida dos animais”. A obra aglutina duas palestras que Coetzee (2002): “Os filósofos e os animais” e “Os poetas e os animais”. O autor utiliza um recurso extraordinário para escapar das armadilhas acadêmicas personalistas, ele se recusa a se colocar diretamente no papel de conferencista, negando a própria “autoridade” para decidir a questão, faz isso

ficcionalizando a palestra e assim cria uma conferencista que é também, uma feminista e professora de literatura aposentada, nomeada Elizabeth Costello. Feminista e animalista ela é a personagem central da obra, o que reforça a relação propositiva entre ativismo e conceitos importantes para a interseccionalidade proposta pelo feminismo animalista.

É importante registrar alguns dos elementos que possibilitam o encontro destas duas escritoras e ativistas, ou seja, Maria Lacerda e Nise da Silveira são lembradas neste recorte por suas lutas antifascistas e pelo respeito à vida de outras espécies. No Brasil contemporâneo marcado por um novo Golpe de Estado, que destituiu a Presidenta eleita pelo povo, Dilma Rousseff interdita de governar em agosto de 2016, golpe que está legitimando a suspensão de direitos sociais conquistados historicamente, justifica-se a recuperação das obras das autoras acima citadas por seu caráter combativo e poético. Nise nasceu 18 anos depois de Maria Lacerda, ambas lutaram contra diferentes formas de opressão, a primeira no seio do movimento anarquista e operário, lutou pela educação e libertação das mulheres e, a segunda no interior das ciências médicas, então dominadas pelo masculino e pelas técnicas de tortura empregadas contra os pacientes com transtornos mentais. Ambas lutaram, foram presas políticas durante o período da Ditadura Vargas que teve influência nas ideias nazifascistas, elas deixam um legado e viam nos animais não humanos uma forma de trabalhar nossos afetos.

Nossa discussão parte desses pressupostos conceituais para analisar primeiro na obra de Maria Lacerda de Moura as relações entre o pensamento libertário e a resistência feminista na crítica ao modelo de progresso técnico-cientificista e patricapitalista que usou animais não humanos como cobaias didáticas. Na sequência buscamos na obra de Nise da Silveira sua proposta de arte, afetos e comunicação interespecies no tratamento humano.

Resistência feminista e libertária ao “progresso tecnocientífico” em Maria Lacerda de Moura (1887-1945)

Maria Lacerda de Moura nasceu em 16 de maio de 1887 em Manhuaçu (MG) e formou-se na Escola Normal. Em 1912 iniciou sua carreira de professora e trabalhou para a construção da Liga contra o Analfabetismo em Barbacena. Nesta cidade, típica cidade do interior mineiro, começou a perceber e se rebelar contra variadas formas de opressão e preconceitos, inclusive na sua família.

Ainda em Barbacena, participou ativamente da Campanha Barbacenense de Alfabetização, de obras de benemerência da cidade e começou a publicar seus escritos e realizar as primeiras conferências sobre educação, sobre pensamento libertário e sobre a condição das mulheres. Após a publicação do seu primeiro livro, *Em torno da Educação* (1918) ela foi convidada a realizar conferências. Em 1921, aos 34 anos, mudou-se para São Paulo onde participou de movimentos associativos feministas e colaborou na criação da “Federação Internacional Feminina”.

Ela identificava o homem como opressor na figura do capitalista que explorava o trabalho das mulheres e pensava o feminismo no contexto das lutas de classe e lutas operárias da época, diferente das sufragistas preocupadas com sua inclusão no sistema que as oprimia e excluía: “o feminismo liberal, ao reivindicar principalmente o direito ao voto e à instrução, era muito conservador, pois não questionava as estruturas profundas da sociedade burguesa nem enfrentava a questão da moral sexual imposta e as violências das relações de gênero” (RAGO, 2012, p. 65). Essa diferença tem a ver com as relações de gênero e classes, diferença que foi ressaltada no trabalho de Margareth Rago como um marco divisor de águas entre as pioneiras feministas brasileiras liberais e as libertárias, preocupadas com os direitos das trabalhadoras e das mulheres oprimidas em seus lares. Maria Lacerda era uma feminista libertária,

ativismos que colaboraram para sua contundente crítica à ciência, à indústria, ao governo totalitário da época e, em consequência, seu profundo respeito à vida, ao vegetarianismo, aos direitos dos animais não humanos, aos direitos das mulheres, à vida na natureza e em comunidade auto-gestionária.

Entre 1928 e 1937 afastou-se da cidade para viver e colaborar na construção de um modo de vida auto-gestionário em uma comunidade agrícola em Guararema, no interior de São Paulo. Vivendo em uma comunidade libertária deu início a uma nova fase em sua vida, marcada por encontros com outras pessoas que compartilhavam os ideais anarquistas e revolucionários. Foi neste período que conheceu pessoalmente Luís Carlos Prestes, em 1929 e, na comunidade conheceu a argentina Concepción Fernandez que a visitou em Guararema e levou um presente de Maria Lacerda para sua amiga ítalo-uruguaia Luce Fabbri, o livro "Clero e fascismo: horda de embrutecedores", de 1934. Segundo Margareth Rago (2012, p. 56): "a dedicatória, delicada e afetiva diz: 'Para a querida e grande Luce Fabbri – o coração de Maria Lacerda, 12-1934'. [...] sem dúvida, a escolha não foi gratuita: a aliança na frente de batalha estava solidamente consolidada". Tanto Maria Lacerda como Luce Fabbri pensavam e praticavam uma forma de relação libertária com os animais não humanos. Diz Rago (2001, p. 39):

Ocorreu-me, num *flash*, aquele momento num domingo ensolarado de março de 1995, em que nós duas estávamos gravando suas memórias, quando, subitamente, os cachorros irrompem casa adentro, querendo insistentemente ir para a rua. Luce conduziu-os de volta para o quintal, calmamente, conversando como se fossem crianças, enquanto eu me espantava com sua paciência [...]. 'Temos que ser antiautoritários também com os animais', respondeu-me.

A vida na comunidade auto-gestionária não somente a aproximou das questões da natureza, da vida de outras espécies, mas, acima de tudo possibilitou que a autora alavancasse sua produção intelectual, especialmente no que tange à crítica ao

autoritarismo do Estado, à militarização e crença no progresso econômico patricapitalista. No período que ficou em Guararema ela escreveu: *Civilização: tronco de escravos* (1931), *Amai e... não vos multipliqueis* (1932), *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!* (1933), *Fascismo-filho dileto da Igreja e do capital* (1934) e *Clero e fascismo: horda de embrutecedores* (1934) dentre outras produções, conferências, textos jornalísticos e correspondências internacionais. O momento político nacional correspondeu à ascensão do fascismo na Itália, que influenciou o Brasil com projetos patrióticos e com às imposições do Estado autoritário. Na época Getúlio Vargas assumia o poder e assim, a autora marca sua produção naquele momento com uma crítica ao autoritarismo ao Estado e aos mecanismos de poder da conjuntura militarizada financiada pelo fascismo italiano, que incitava a adoção de uma educação religiosa, doutrinária, dogmática e domesticadora. O nacionalismo e o patriotismo do Estado brasileiro são alguns dos alvos da crítica lacerdiana na época.

Com o avanço da repressão promovida pelo governo Vargas a comunidade de Guararema foi invadida e destruída e todos/as libertários/as tiveram que fugir, assim em 1937, Maria Lacerda retornou a Barbacena a fim de recomeçar sua vida de professora. Apesar da sua timidez, ela foi uma grande conferencista, foi convidada para falar em diversas cidades brasileiras, no Uruguai e na Argentina, além disso seus escritos circularam no país e no exterior. Foi citada pelas *Mujeres Libres* na revista que levava o nome do grupo, na edição de maio de 1938, em solidariedade à anarca-feminista mineira que havia sido presa pelas forças reacionárias do Estado Novo (RAGO, 2007).

Ao ler as obras da educadora ressaltamos o objetivo de relacionar sua análise acerca da exploração das mulheres e dos animais não humanos. Ela era uma vegetariana que atuou pelo fim da exploração dos animais massacrados pela ciência e pela indústria. A atualidade da proposta é hoje pensada na relação de explorações nomeadas:

sexismo e especismo². Sendo assim apresento algumas proposições formuladas pela autora, no contexto das discussões feministas libertárias, conto com a colaboração das análises feministas e libertárias de Margareth Rago (2001; 2007; 2012; 2014).

Ao ler Maria Lacerda é possível analisar a sua visão sobre a ciência e a tecnologia como foi descrito em *Civilização: Tronco de Escravos*. Na obra ela critica o modelo de apropriação do conhecimento tecnocientífico. Seguindo a tradição anarquista ela percebe a tecnociência como potencialmente emancipadora, porém, apegada ao modelo patricapitalista de sacrifício da vida em nome do progresso socioeconômico de uma minoria da elite política e da aristocracia industrial e ruralista (RAGO, 2007). O progresso socioeconômico de uma minoria internacional seria garantido com a exploração da força de trabalho da massa humana e as custas do sangue de animais não humanos, opressões que ganham espaço na crítica libertária e feminista do final do século XIX e início do século XX. A relação entre a opressão sexista e especista na literatura feminista libertária transita por diferentes abordagens e variadas formas: crítica à ciência e a vivissecção, crítica a indústria da carne, à instrumentalização dos corpos humanos e não-humanos e a alimentação vegetariana. Carol Adams (2012) diz que as mulheres do século XIX viam no vegetarianismo uma libertação da labuta da cozinha, da servidão aos homens e da crença cega no poderio dos médicos. A crítica à medicina e à ciência tomam forma nos escritos das mulheres desde as sufragistas até as feministas libertárias.

Carol Adams (2012) argumenta em favor de revisitarmos os escritos de libertação de autoras do período entre o final do século XIX e o início do século XX, e diz, que é possível encontrar muitas escritoras feministas, libertárias, sufragistas e abolicionistas que

2 Por especismo se entende a ideia de promover a espécie humana como superior a todas as outras e, além disso, capaz de deliberar sobre as vidas das demais, incluindo o direito sobre a vida e a liberdade. É a ideologia que justifica a violência humana sobre as outras espécies. REDAÇÃO. **Le spécisme**. In: Les Cahiers Antispécistes: Réflexion et action pour l'égalité animale. Disponível em: < <http://www.cahiers-antispécistes.org> >. Acesso em: mar. 2012.

publicaram textos importantes sobre o assunto, dentre elas, cita: Annie Besant, Clara Barton, Matilda Joslyn Gage, Elizabeth Cady, Lou Andreas-Salomé, Alice Park, Agnes Ryan dentre outras.

A ligação entre a naturalização dos experimentos e da mutilação com animais não humanos e a tortura e a anulação do corpo feminino pelo poder biomédico são evidências apontadas pelas feministas, que mostraram que desde a era vitoriana, formam uma rede de conexões de corpos submetidos aos usos tecnocientíficos em benefício do patricapitalismo. A opressão feminina naquela época incluía as ideias de fragilidade e de propriedade. Os animais não humanos e as mulheres vistos como propriedade, foram corpos usados à serviço dos experimentos e torturas das ciências instrumentalistas, assim é que se torna possível fazer uma comparação entre os dispositivos cirúrgicos utilizados em animais não humanos e no tratamento médico das mulheres, incluindo o parto e os costumeiros exames ginecológicos, hoje problematizados pela perspectiva da violência obstétrica. No capítulo intitulado "A Ciência a serviço da degenerescência humana", Maria Lacerda critica o modelo de apropriação do conhecimento tecnocientífico e, denuncia essa produção de conhecimento como "pervertida e prostituída", já que o capitalismo industrializado assume todo o esforço científico, mesmo enquanto ainda é um embrião, de tal maneira que a energia humana é canalizada para uma única direção "a luta para a competição, a concorrência econômica, o poder econômico bélico, o nacionalismo e, fruto dos anteriores, a guerra" (MOURA, 1931, p. 10).

Para Maria Lacerda a ciência idolatra o "capital e a indústria", por isso, toda a investigação é "monopolizada por interesses industriais e conquistas de guerra". Seus escritos mostram a estreita relação da militarização e ascensão da indústria bélica, sobretudo, naquele momento da história marcado pelo nazismo e fascismo. Seu conceito de tecnologia está próximo ao de ciência aplicada, como afirma no seguinte trecho: "A civilização é um Everest de ciência aplicada à indústria" (MOURA,

1931, p. 66). O processo de resistência a essa estrutura destrutiva foi dificultado pela passividade da classe trabalhadora, domesticada pelos meios de comunicação de massa, então recentes: o rádio e o cinema. Este processo de alienação dos trabalhadores foi reforçado pelo uso do rádio como um "instrumento da polícia e como uma agência de todos os medicamentos que envenenam a humanidade, incluindo a droga literária acadêmica e a droga histórico-patriótica" (MOURA, 1931, p. 15). O patriotismo era uma das armas dos governos totalitários.

Uma das críticas anarquistas à ciência moderna foi à contradição entre a ciência e a vida, escancarada na ampla utilização da vivissecção, diz a anarquista: "a ciência do vampirismo humano esgotado por senilidade precoce que suga as glândulas de animais" (MOURA, 1931, p. 34). Quando a ciência moderna sobrevaloriza abstração, tende a afastar-se da pluralidade da vida, e uma de suas principais consequências é a tentativa de "sacerdócio científico" para moldar a realidade de acordo com uma imagem abstrata e idealizada. Esta perspectiva de ciência tem a vivissecção como seu principal símbolo, que é, literalmente, o sacrifício da vida para a ciência e o progresso econômico de uma minoria.

A vivissecção, em alguns aspectos, se tornou um símbolo da opressão patricapitalista sobre os mais fracos, da ação cruel das forças estabelecidas contra a vida. Maria Lacerda incorporou luta antivivisseccionista e declarou:

Não compreendo a vivissecção a não ser como um delírio de perversidade inominável, nem chego a ver a vantagem da embriaguez científica que põe milhares de cobaias e cães e qualquer espécie de animal à mercê dos cientistas [...] vaidosos de fazer sofrer os "mártires da ciência" em nome de um princípio ou de uma descoberta ou de uma pesquisa ou dos problemáticos benefícios daí resultantes para todo o gênero humano [...]. O homem continuará a descer sempre, bem para baixo de todos os símios, na sua maldade de criatura civilizada, para estimular todas as virulências, desde as guerras até o prazer satânico de martirizar os animais em nome do humanitarismo cínico. [...] A humanidade pode progredir sem a fisiologia, porém, não poderá progredir sem a piedade (MOURA, 1931, p. 32-33).

Argumentou, ainda, que a ciência submetida aos interesses capitalistas: “ocupa em nosso tempo exatamente o mesmo lugar que o sacerdócio havia ocupado há alguns séculos atrás. [...] escondidos nos títulos, as mesmas castas nas ciências, academias, universidades, congressos” (MOURA, 1931: 32-33). Maria Lacerda sugeriu algumas possíveis formas de resistência contra esta situação, por exemplo, a recusa por parte da classe trabalhadora de servir ao sistema, disse: “seria preferível que o trabalhador se auto amputar as duas mãos do que optar por trabalhar em arsenais de guerra, hidroaviões e metralhadoras, navios de guerra e torpedos” (MOURA, 1931, p. 16).

A autora sugeriu como uma das vozes da resistência pela positividade da vida. Uma das críticas anarquistas à tecnociência moderna foi à oposição entre a ciência e a vida, pois, quando a ciência supervaloriza a razão instrumental, tende a afastar-se da pluralidade da vida para moldar a realidade de acordo com uma imagem abstrata, idealizada e romantizada. Os textos libertários de Maria Lacerda de Moura são narrativas de resistência, repletos de deslocamentos e ressignificações, foram escritos em um momento de profunda transformação socioeconômica e estão em diálogo com um pensamento anarquista internacional que questiona a ideia de progresso modernista herdeiro da ciência cartesiana.

Ainda em nome da positividade da vida, na próxima parte, veremos no trabalho de Nise da Silveira uma proposta de diálogo com modos mais criativos e afetivos para transformar o hospital psiquiátrico e as formas de tratamento. Fundamentada em uma crítica ao pensamento médico cartesiano ela apostou na positividade das relações multiespécie, dos afetos e das artes como expressões da criatividade e da vida.

Nise da Silveira (1905-1999) e os laços afetivos multiespécie

Nise da Silveira nasceu em Maceió, Alagoas, em

1905, ingressou na Faculdade de Medicina em 1921 em Salvador, Bahia, onde foi a única mulher de sua turma, assim como uma das primeiras médicas do Brasil. Em 1933, mudou para o Rio de Janeiro, cidade onde passou em um concurso público para o “Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental” no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, lugar onde iniciou seus trabalhos que a tornaria um exemplo de mudança na forma invasiva e autoritária de tratamento psiquiátrico.

A médica e psiquiatra Nise da Silveira se destacou em seus estudos sobre o comportamento humano e o tratamento de patologias psicológicas influenciados pelas ideias de Carl Gustav Jung sobre o inconsciente e, as ideias de Gaston Bachelard sobre a imaginação criadora. Em 1954 ela escreveu para Jung e iniciam uma troca de cartas que colaborou para seu estudo sobre as mandalas e sua simbologia no estudo dos transtornos mentais. Assim ela revolucionou a maneira de tratar os doentes mentais, utilizando técnicas artísticas, tais como: pintura e desenho como terapia, e foi pioneira nas práticas de adotar as relações emocionais entre pacientes e animais não humanos como parte de seus tratamentos. Além disso, defendia o fim de tratamentos tradicionais, como o eletrochoque, nomeado então de terapia eletroconvulsiva, o uso de drogas, o confinamento clínico e, casos mais extremos a intervenção cirúrgica nomeada de lobotomia, causadora de uma mutilação cerebral-mental.

Em 2012 o filme *Augustine*, da diretora francesa Alice Winicour, provou a reflexão sobre os processos e forças repressoras que determinaram os discursos sobre a histeria e a psiquiatrização das mulheres no âmbito médico institucionalizado no final do século XIX e início do XX. As mulheres, sobretudo as de classes menos favorecidas e as insubmissas eram enclausuradas e submetidas à experimentações científicas virando cobaias didáticas de médicos sádicos. Nise trabalhou contra a maré dos tratamentos em voga.

Ela viveu em uma época de acirramento da política totalitária no Brasil e, por isso, foi presa e encarcerada

por mais de um ano, denunciada por manter em sua biblioteca livros considerados subversivos. Sua prisão aconteceu em 1936 no presídio Frei Caneca no Rio de Janeiro, onde permaneceu reclusa por 18 meses. No presídio conviveu com o escritor Graciliano Ramos, que narrou essa amizade em seu livro "Memórias do Cárcere". Em [1944](#) foi reintegrada ao [serviço público](#) e inicia seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no [Engenho de Dentro](#), onde retomou sua luta contra as técnicas psiquiátricas que considerava agressivas e cruéis aos pacientes.

Por discordar dos métodos adotados nas [enfermarias](#) e se recusar a aplicar eletrochoques nos pacientes ela foi transferida para a ala de "[terapia ocupacional](#)", a atividade era menosprezada pelos médicos. Em seu livro "Gatos, a emoção de lidar" ela fala como foi romper com esse pesado termo: "enquanto manipulava seu gato de veludo, com surpreendente habilidade, Luiz Carlos parecia feliz e disse: 'Como é macio! Sinto grande emoção de lidar com ele entre minhas mãos'" (SILVEIRA, 1998, p. 30). Assim foi, que ela relatou a mudança que fez de sua obra uma nova forma de ver o diálogo entre espécies sendo usado com fins terapêuticos, ela continua: "Essa expressão Emoção de Lidar foi ponto de partida para substituímos o pesado título Terapêutica Ocupacional" (SILVEIRA, 1998, p. 30). No lugar das tradicionais tarefas de [limpeza](#) e [manutenção](#) que os pacientes exerciam sob o título de terapia ocupacional, ela criou [ateliês](#) de [pintura](#) e [modelagem](#) com a intenção de possibilitar aos doentes reatar seus vínculos com a [realidade](#) através da expressão simbólica e da criatividade.

Ela fundou o Museu do Inconsciente, um centro de estudo e pesquisa, no Rio de Janeiro, em 1952, criado para abrigar o acervo de obras e a preservação dos trabalhos produzidos nos [estúdios](#) de modelagem e pintura que criou no Centro Psiquiátrico Pedro II, valorizando-os como documentos que abrem novas possibilidades para uma compreensão mais profunda do universo interior do [esquizofrênico](#). Dentre os artistas-pacientes que

criaram obras incorporadas na coleção desta instituição podemos citar: Adelina Gomes; Carlos Pertuis; Emygdio de Barros e Octávio Inácio. O [acervo](#) alimentou a escrita de seu livro «Imagens do Inconsciente», filmes e exposições, participando de exposições significativas, como a «[Mostra Brasil 500 Anos](#)».

E posteriormente, entre [1983](#) e [1985](#) o cineasta [Leon Hirszman](#) realizou o filme «Imagens do Inconsciente», trilogia mostrando obras realizadas pelos internos a partir de um [roteiro](#) criado pela própria Nise da Silveira. Em 2015 o diretor Roberto Berliner foi responsável pelo filme: “Nise, o coração da loucura”, nele a atriz Glória Pires fez o papel de Nise. O filme trouxe à tona a luta da médica contra os procedimentos usados pela medicina daquele período e suas investidas nas artes e nas relações entre espécies no interior do hospital psiquiátrico. Não foi sem conflitos que isso aconteceu, a resistência ao trabalho e atuação de Nise, começou já em seus estudos na graduação onde era incomum a participação de mulheres.

A obra de Nise da Silveira foi marcada pelo debate sobre os laços afetivos entre pessoas e animais, por ela nomeados “animais não-humanos”. Sua experiência com o autoritarismo e crueldade dos homens das ciências médicas foi relatado por ela em ocasião de uma aula prática quando ainda era uma jovem estudante de medicina e que ela considerou seu primeiro encontro com “o Mal”. O encontro aconteceu durante uma aula de parasitologia no primeiro ano de medicina. O então famoso professor Pirajá da Silva, ao entrar na sala de aula lotada, lançou a ideia de se criar um serpentário na faculdade e pediu a colaboração de toda a turma, momento em que entrou na sala um assistente do professor com um vidro contendo uma serpente. O famoso professor retirou a serpente e pediu para a jovem Nise da Silveira segurá-la, garantindo que não era uma cobra venenosa. Nise que era uma jovem estudante de quinze anos, uma raridade em meio a um universo totalitariamente masculino, foi colocada à prova e não poderia recuar. Esticou os braços

e segurou a serpente: “Nesse instante, olhou bem nos olhos do mestre e viu, pela primeira vez, de frente, o que considerou a representação do mal” (BEZERRA, 1995, p. 137). Ao segurar a serpente e encarar o autoritário professor ela cria um novo elo entre sua capacidade de aprendizagem e as limitações das ciências médicas tradicionalistas e misóginas.

Suas opções conceituais e inspirações poéticas iniciam nesse momento para, mais adiante, ela fazer uma crítica ao pensamento cartesiano e aos modelos tecnocientíficos de tortura e domesticação dos corpos doentes adotados pela medicina da época. Disse ela: “Montaigne repudia ‘essa realeza imaginária que o homem atribui a si próprio sobre as outras criaturas’. Posição, portanto, oposta à de Descartes, nascido no fim do mesmo século em que nasceu Montaigne” (SILVEIRA, 1998, p. 21). E assim, ela continua a crítica ao pensamento instrumentalista e utilitarista de Descartes, que acreditava que “só o homem pensaria e vivenciaria sentimentos. A cruel visão cartesiana lisonjeia a arrogância do homem. Por isso predomina essa vaidade no homem até hoje” (SILVEIRA, 1998, p. 21). Crítica semelhante encontramos na obra de Coetzee (2002, p. 73):

No tempo de Descartes a ciência não tinha nenhum conhecimento dos grandes macacos, nem dos mamíferos marinhos superiores, possuindo, portanto, poucas razões para questionar a afirmação de que os animais não pensam. E é claro que não tinha acesso ao registro fóssil que levaria um *continuum* graduado que vai das criaturas antropóides até os primatas superiores e o *Homo sapiens* – antropóides, diga-se de passagem, que foram exterminados pelo homem no curso de sua ascensão ao poder.

Nas décadas de 1950 e 1960 Nise da Silveira investe nas relações afetivas entre os animais não humanos e os/as internos para criar um elo de comunicação que havia sido rompido graças aos modelos tradicionais. Ela percebeu a facilidade com que os/as esquizofrênicos se vinculavam aos cães. Em seu trabalho ela desenvolveu o conceito de “afeto catalisado” (SILVEIRA, 1998). Ela

parte da ideia de que é importante que o interno/a conte com a presença não invasiva de um co-terapeuta (animal não humano) que irá permanecer com o doente, funcionando como ponto de apoio seguro a partir do qual o doente possa se organizar psiquicamente. Após ilustrar exemplos de co-terapeutas, Silveira afirma que animais são “excelentes catalisadores”. Segundo ela, eles “reúnem qualidades que os fazem muito aptos a tornar-se ponto de referência estável no mundo externo” (SILVEIRA, 2012, *internet*), facilitando a retomada de contato com a realidade. Disse ela:

Excelentes catalisados são os co-terapeutas não humanos. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor ao frio ambiente hospitalar. Os gatos têm um modo diferente. Discretos, esquivos, talvez sejam muito afins com os esquizofrênicos na sua maneira peculiar de querer bem (SILVEIRA, 2012, *internet*).

A aproximação dos internos com os animais não humanos do Centro Psiquiátrico Pedro II começou por acaso quando foi encontrada uma cadelinha abandonada e faminta no terreno do hospital. Silveira tomou-a nas mãos e, percebendo a atenção de um dos internos, perguntou-lhe se gostaria de tomar conta do bichinho “com muito cuidado”. Diante da resposta afirmativa ela deu o nome à cachorrinha de Caralâmpia (inspirada em uma personagem do livro “A terra dos meninos pelados”, de Graciliano Ramos). Os resultados terapêuticos da incumbência assumida pelo cliente foram excelentes, e assim, ao longo de sua obra ela faz referência a outros casos em que ocorrem relações afetivas entre internos/as e animais não humanos, por exemplo o caso de Abelardo, ele era temido por sua irritabilidade e força física, e assumia uma postura tranquila quando tomava conta de alguns cães e gatos, mostrando-se apto a cuidar deles e trocar afetos, outro exemplo é a Djanira, que teve sua capacidade criativa como pianista retomada por meio da relação com bichos (SILVEIRA, 2012, *internet*). Depois deste trabalho ela virou uma incansável defensora dos

animais, escreveu: “vamos retroceder dos altos níveis do processo de individuação aos baixos degraus onde ainda ocorre a festa-sacrifício do boi, no litoral de Santa Catarina” (NISE, 1989, p. 65).

Nise da Silveira foi uma artista, psiquiatra e escritora de fogo, que via na relação com os cães e os gatos uma possibilidade de diálogo com o inconsciente e na relação com as artes uma reabertura para a imaginação criativa, formas de vida pulsantes contrárias ao modelo biomédico da época fundado em critérios de violência e violação dos direitos das pessoas internadas com transtornos mentais e/ou emocionais ou as pessoas socioeconomicamente vulneráveis. Suas lutas não param por aí. Ela jamais aceitou como verdade as teorias dominantes, as verdades da ciência cartesiana instrumental e o ideário de superioridade médica.

Considerações finais

Nise da Silveira, uma das pioneiras na discussão da antipsiquiatria, se encontra com Maria Lacerda na escrita propositiva e marcada pela positividade da relação humanidade-animalidade. Ela jamais aceitou como verdade as teorias dominantes, criando novos campos para pensar e agir para uma nova forma de fazer ciência através das artes e das relações com os animais não humanos. As narrativas do passado iluminam e constroem histórias da humanidade-animalidade. Os textos libertários de Maria Lacerda de Moura são narrativas de resistência feminista e libertária repletos de deslocamentos e ressignificações utópicas escritos em um momento de profunda transformação socioeconômica, e estão em diálogo com um pensamento anarquista internacional que questiona a ideia de progresso prometido no processo de constituição e difusão massificada da ciência e da tecnologia.

A ciência e a tecnologia deveriam ter utilidade e proporcionar bem-estar social, em uma sociedade onde à propriedade coletiva dos meios de produção e

a emancipação feminina prevalecesse e o abandono das cidades, considerado um *locus* para a aplicação da ciência e da tecnologia, fosse seguido por uma integração orgânica com a natureza através do trabalho rural coletivo, eis uma das propostas de Maria Lacerda de Moura. Ela, assim como Nise da Silveira abriram as portas para repensar as práticas pedagógicas e clínicas criadas pelo discurso médico e higienista então em voga, e também, buscam soluções para pensar as relações de exploração sofridas pelos animais não humanos dentro dos laboratórios científicos usados à serviço do poder econômico do Estado totalitário, da indústria bélica e da medicina elitista. Destacamos a importância da leitura de ambas no Brasil atual onde novamente, em nossa história recente, vemos um Golpe de Estado destituir uma mulher da presidência da República e, em consequência retroceder nos avanços e direitos sociais conquistados com muita luta. Os escritos das duas mostram as suas lutas contra uma cultura patriarcal baseada na violência, como escreve Rosa (2013, p. 128):

Cultura patriarcal que, através das performances de gênero, fomentam as masculinidades violentas das quais falam Huggins, Fatouros e Zimbardo, após entrevistarem vinte e três policiais que torturaram e mataram durante e após a ditadura militar no Brasil, tentando compreender como homens comuns foram transformados em assassinos e torturadores a serviço do Estado, e como eles próprios justificam seu 'ofício'.

Em períodos de grande repressão a voz de autoras ousadas se torna um sopro de esperança por dias melhores e um combustível para lutar por direitos sociais. A partir das críticas de Maria Lacerda e de Nise da Silveira podemos perceber que o tratamento dado aos animais não humanos definem muito do que somos, que a consciência e o respeito a eles refletirão nas nossas relações entre nós mesmos, com nossos amigos ou familiares. Esse respeito pode ser um início de uma transformação na vida planetária humanidade-animalidade-plantas, para podermos avançar em direção

aos modos de existência mais afetivos e criativos. E a aplicação do conceito de ciência, possa assim estar mais comprometida com os valores da vida criativa. Os animais não humanos podem, a partir das leituras de ambas, nos trazer muitas alegrias, nos curar e nos tornar melhores, redesenhando nossa existência e nossas formas de relacionamento se estiverem vivos e saudáveis ao nosso lado, em nossos lares e espaços públicos construídos com base no respeito ao direito à vida, ao invés de serem torturados, mutilados e usados à serviço da produção industrial massificada.

Referências

ADAMS, Carol. *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. Tradução: Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde, 2012.

BEZERRA, Elvia. *A trinca do Curvelo*: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. In: *Horizontes Antropológicos*. v.17, n. 35, Porto Alegre, p.27-64, jan/jun. 2011a.

HARAWAY, Donna; AZERÊDO, Sandra. Companhias multiespécies nas naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal*: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011b. p. 389-417.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

INICÊNCIO, Adalberto F.; CARVALHO, Fabiana A.; PEREIRA, Tamires T. A invenção discursiva da mulher histórica: uma imersão no filme *Augustine*. *Periódicus*. v.1, n. 5, Salvador, p.321-334, mai/ago. 2016.

LESSA, Patrícia. Maria Lacerda de Moura: uma educadora pela libertação das mulheres e animais não humanos. STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZENELLO, Valeska.

Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014. p. 292-303.

MÍNGUEZ, Sofia Álamo. *Famílias Inter-especies*. Disponível em: <<http://www.mujeerpalabra.net/creadoras/sofiaalamominguez/familiasinterespecies.htm>>. Acesso em: mar. 2012.

MOURA, M. L. Auto-biographia. *O Combate*, São Paulo, n. 5110, p. 03, 03/00/1929.

_____. *Civilização: tronco de escravos*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1931.

NARDI, Simone. O que é vivisseccção? Disponível em: <http://www.anda.jor.br/23/10/2013/o-que-e-vivisseccao>. Acesso em set. 2015.

RAGO, M. Ética, Anarquia e Revolução em Maria Lacerda de Moura. In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, José (org). *As esquerdas no Brasil*, v.1, A formação das Tradições, 1889-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 262-293.

_____. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: editora Unesp, 2001.

_____. Maria Lacerda de Moura (1887-1945). *Labrys: estudos feministas*.

jan/jul 2004. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys5/textos/moura.htm>>. Acesso em abr. 2014.

_____. Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri. *Verve Revista do Núcleo de Sociabilidade Libertária Ppccs*. Puc/SP, v.21, p. 54-77, São Paulo, 2012.

REDAÇÃO. Le spécisme. In: *Les Cahiers Antispécistes: Rêflexion et action pour l'égalité animale*. Disponível em: <<http://www.cahiers-antispecistes.org>>. Acesso em: mar. 2012.

ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias: não imagine que precise ser triste para ser militante*. São Paulo: Intermeios: Fapesp, 2013.

SILVEIRA, Nise. *O animal como co-terapeuta*. Disponível em: <<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/paineis/painel9.html>>. Acesso em: mar. 2012.

_____. *Gatos, a emoção de lidar*. Fotos: Sebastião Barbosa. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

SILVEIRA, Nise; Mello Luiz Carlos. O sacrifício e suas transformações: subidas e descidas de níveis de consciência vistas através de rituais e festas reveladoras da relação homem-animal. SILVEIRA, Nise (org). *A farra do boi: do sacrifício do touro na antiguidade à farra do boi catarinense*. Rio de Janeiro: Numen, 1989. p. 62-77.